

um sonho, o sonho mais banal, importante pela duração, pois numa noite tive a impressão de viver uma eternidade, e de tê-la vivido fisicamente. Mas era um sonho inocente: eu passeava um passeio sem fim, pela noite, com a primeira pessoa que me jogou dentro de mim mesmo, e que eu chamaria de "meu primeiro amor". No sonho era exatamente como no dia do primeiro encontro. Chamo de "encontro" aquele momento em que a gente verifica a realidade do outro. Agora, passados nove anos, este sonho me convida a reaverificar que a essência do objeto amado continua a mesma. E não me conformo de ter perdido. Será que perdi? Não sei. Hoje tão longe, tão irremediavelmente só, é como se estivéssemos lado a lado, e é bom este sofrimento no aquário. Mas tudo deveria ser de uma outra forma, não há razão para esse desacerto, nem eu queria ser poeta se o preço desta condição é uma solidão tão atroz. Queria ser simplesmente um homem, sem deslumbra-mentos, uma formiga que carregasse infinitamente seu ramo verde e enorme, e não sonhar com tanta sede, não lutar com tantos indícios de morte. Não, não quero morrer... e no entanto sei que já podia, que já provei os sumos necessários para deixar a vida com uma saudade e um agradecimento que me garantam uma partícula de inferno.

A gente pensa que merece ser o primeiro da fila, o que escolhe com prioridade, de repente começa a ser passado na frente, então um incêndio lava as têmperas, afogueia o rosto, cavalga as veias, e se confundem em nosso coração gritos de ódio, apelos, gritos de socorro, exigências. E a gente sufoca tudo

e é como se caísse num poço sem fim, num poço onde ninguém nos vê, mas que é como se estivéssemos nus e leprosos diante de uma multidão.

O que posso fazer para não ser de tal forma um rebento da ira? O que me negam de um lado, a ironia injusta com que pesam os detalhes realmente bons do meu estar no mundo. O que resulta disso é uma tristeza de degredo, um brandir de chicote, que me exaure e martiriza sem cessar.

Por isso me apego a cada âncora de resquício de amor, qualquer brecha me põe de tal forma em lágrimas de agradecimento, como se um anjo generoso me enxugasse o suor da agonia. Mas o que espero, o que alimento, logo naufraga num redemoinho de circunstâncias imediatas, de preconceitos, e salto na treva como um louco, despido do que me iluminava, pobre de novo, pedinte cheio de orgulho, construindo pacientemente a cruz maior que a minha resistência.

A minha condição de ser humano é sempre esta solidão com que coroar-me, solidão com que embriagar-me, solidão para morrer e renascer eternamente. Um sonho pode ser seguramente um amontoado de resquícios de lembranças depositadas, um ninho de ostras cegas e desagregadas que num dado momento provocam um circuito. O meu sonho da noite passada foi outra coisa. Tive diante dos meus olhos a decorrência pausada, clara, musical, lúcida e quase raciocinante, de uma figura inteira, independente de mim, voluntária em se relacionando comigo. Foi como se eu estivesse acordado, escolhendo e de-